

O bumerangue

ALOYSIO AZEVEDO

Querem me fazer crer que o presidente não conseguiu impedir a operação "dela Collor". Difícil de acreditar que Lobão, o contumaz pianista da Constituinte e senador do



Maranhão, Gadelha, o autêntico senador da Paraíba, e essa jóia americanizada que é o nosso Napoleão do Piauí não atendessem a um apelo de Sarney. Todos nós compreendemos que os formuladores do Plano Verão, o pacto anti-social de dezembro passado, dançaram. O cartório, particularmente o da Abicomp, situado no coração da candidatura peemedebista inicial e principal beneficiário dessa fase do feijão-com-arroz, está sossobrando (por falar em cartório, dizem que o desgastado comandante Ezil está sendo transferido de posto).

O outro vencedor, o corretor do Acordo da Dívida, está sendo cozinhado no agravamento da crise financeira do Estado: faltam dólares no caixa. A fisiologia estatal está desesperada, eu sei, mormente depois da fixação do novo paradigma conseguido pelo BB. O "baixo protestantismo" estava solto, fora das grandes candidaturas, muito expandido nos últimos anos e "sedento de sangue".

Tudo isso, junto, justificaria uma nova candidatura, é claro, mas na hora certa, quando ainda discutamos o nosso "tipo ideal": ele deve ter uma esposa como a Raisa Gorbachev, uma cara tão boa como a do prefeito Dinkins, etc, etc. Lançar esse torpedado agora, no fim do pleito, mais parece uma versão do Estelionato Eleitoral II, difícil de qualquer jaquetão segurar.

O pressuposto dessa operação é que o nosso povo esteja imbeciliza-

do, quando o que ocorre é exatamente o contrário: a nossa elite é que parece burra, tal o seu divórcio da Nação (San Tiago Dantas já o enxergara 30 anos atrás). Mais um bumerangue, final e fatal. E, como das vezes anteriores, os brasileiros encaram com naturalidade esses casuísticos: mais uma pedra que o cartório, putrefeito e agonizante, coloca em nosso caminho, desde 73, quando falhou o modelo do milagre econômico e a incompetência da liderança emedebista facilitou o advento do Pacote de Abril, o adiamento das diretas — lembra-se, doutor Ulysses, de que as chapas do MDB estavam incompletas para receberem a avalanche eleitoral?...

Para o CDE, o mundo do "camelô eletrônico" não existe

do voto. Basta-lhe continuar desacreditando, como no filme do homem que foi à Lua. Como pode alguém acreditar que esse governo proteja um homem tão bom como SS? Quem pode nos assegurar que, em se votando num partido de mentira, num candidato de mentira, as mágicas telespectadoras das tardes de domingo possam eleger o seu Sílvio Santos? Pura mentira! Tanto é verdade que é pura mentira que o eleito seria um tal de Senhor Abravanel e não o Sílvio Santos! Não falei!

Ninguém quer acreditar, mas insisto: o que está em curso entre nós é uma revolução do CDE (para aqueles que ainda não sabem, CDE é aquilo que nossos sofisticados tuanos designariam por proletariado. Como o leninismo caiu em desuso, o desmonte de sua nomenclatura aponta para a do Ibope: E seria o conjunto das famílias possuidoras de um único eletrodoméstico, a TV; D indicaria aquelas que, além da TV, teriam também um fogão; e C reuni-

ria as que vêem TV, usam fogão, mas cozinham com panelas, e não com latas). Estava na hora, não?

O Brizola é uma espécie de saudade no CDE, saudade de Getúlio, o bom pai de sempre, o primeiro que fez alguma coisa para os trabalhadores, embora os pedetistas pensem ainda que todo o CDE caiba apenas na Cinelândia. O Lula poderia liderar o partido que o CDE nunca teve, não fosse um "baú da infelicidade", com carnês e tudo mais. De fato, é a raiva dos ricos e de outros bem postos que o leninismo (hoje mais cubano e clerical do que ontem) distila há tantos anos entre os trabalhadores do CDE, raiva mais do que nunca justificada, porque a incompetência e a arrogância de nossos dirigentes colocaram o Brasil numa crise sem precedentes e ameaçam o nosso destino de "grande civilização pan-humana do século XXI", como prognosticou o grande poeta e estadista senegalês. O petismo não passa de quinto-mundismo, um voto de pobreza que alimenta a indigência intelectual, a inveja diante do sucesso alheio ou a culpa por um sucesso duvidoso, o desejo de vingança e de destruição, que habita também e marginalmente o generoso CDE. Já o Collor não é simplesmente um produto da mídia, como quis acreditar a nossa esquerda. O "caçador de marajás" é também a promoção que Jânio não soube realizar, o ambicioso dissidente do outro lado que pode (veremos) integrar as maiorias à civilização e, com isso, salvar a massa vital de empresários e a indispensável liberdade para criarmos riquezas, redirecionando o Brasil para o primeiro mundo da liberal-democracia, hoje consagrada.

Só dá CDE, deitando e rolando nesse pleito emocionante. E eu, preso nas tolices do meu PTB, chamando eleitor de nojento. O meu consolo é o Quêrcia, o Paulinho da Viola, os alunos do professor Enéas e, por que não dizer, o Ricardo Noblat.

Aloysio Azevedo é cientista político e consultor